

*Habitus, "fazimento" e a formação do povo brasileiro: uma discussão a partir das obras "O povo brasileiro" e "Os Alemães"*¹

Antonio Carlos Rocha de Sousa²

Resumo: Neste trabalho discutiremos conceitos como: "fazimento", "raça" e *habitus*; propomos uma análise desses conceitos a partir da obra *O Povo Brasileiro* (1995), de Darcy Ribeiro; em suas discussões sobre as matrizes étnicas e internamente diversas - europeia, indígena, africana - da sociedade brasileira, no seu processo de "cruel fazimento do povo brasileiro", a partir de categorias como: deseuropeização, desindianização e desafricanização, ao qual o autor concebe que nasce um novo povo e mestiço; traçando paralelo com a obra *Os Alemães* (1992) de Norbert Elias, na sua aplicação do conceito de "*habitus*" que nos permite dar atenção à dinamicidade das relações sociais no tempo e no espaço para formação de um "*habitus* nacional". Concomitantemente discutiremos as desigualdades "étnico-raciais", tão caras ao processo de formação da sociedade brasileira, para isso debruçamo-nos sobre o pan-africanismo de Kwame A. Appiah, a partir de suas concepções no âmbito da teoria racialista no contexto africano.

Palavras chave: desigualdade étnico-racial; fazimento; *habitus*; miscigenação.

Abstract: In this paper we discuss concepts like "fazimento", "race" and *habitus*; propose a analysis of These concepts from the book *O povo brasileiro* (1995), Darcy Ribeiro; in Their discussions of the ethnic matrices and internamente diverse - (European, indigenous, African)- of Brazilian society, in its process of "cruel fazimento the Brazilian people", from the categories: deseuropeização, desindianização and desafricanização, Which the author conceives, born a new people and mestizo; tracing parallel with the work *The Germans* (1992) Norbert Elias, in his application of the concept of "*Habitus*" that Allows us to pay attention to the dynamics of social relations in Time and space to form a "national *habitus*." concomitantly discuss the "ethno-racial" Inequalities, so dear to the formation process of Brazilian society; for this, we attempt on the pan-Africanism of Kwame A. Appiah, in Their conceptions in scope the racist theory in the African context.

Keywords: "ethno-racial" Inequalities; "Fazimento"; *habitus*; miscegenation.

¹ Este artigo tem por base comunicação apresentada no XXIX Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología; ALAS, 2013, Santiago. Agradecemos aqui a grandiosa contribuições dos organizadores do GT.

² Licenciado Pleno em História pela Faculdade Saberes, Vitória, ES, Brasil (2009), graduando do curso de Ciências sociais na Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil; estudante associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias da UFES; bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo; membro do Corpo Editorial da Revista Simbiótica da UFES; atuou no Laboratório de Estudos Políticos vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciências Sociais da UFES, participando de Iniciação Científica na linha pós-colonial. Email: acrs@acrs.net.br

O processo de “fazimento” e o Habitus

Chamamos atenção neste trabalho, para a discussão de conceitos como: “fazimento”, “raça” e *Habitus*; para problematizar noções de matrizes culturais, tais como: “nação”, “etnias”, “miscigenação”; procurando entender à formação da sociedade brasileira a partir da obra *O povo brasileiro* (1995) de Darcy Ribeiro, traçando um paralelo com o conceito de *Habitus* elaborado por Norbert Elias, e sua aplicação na obra *Os Alemães* (1992), onde o autor procura identificar um “*habitus* nacional” na sociedade alemã; conceito este, que de forma distinta, antecipa o amplo uso deste por Pierre Bourdieu.

Problematizamos então a filiação de Darcy Ribeiro às teses de um evolucionismo, não único ou linear, ao qual pesa seu peculiar marxismo, que permite o autor se afastar de um culturalismo radical ou essencialista ao buscar explicar “o que faz o Brasil, Brasil”. Chamamos atenção para a dialética presente na obra de Darcy Ribeiro; que partindo da análise das matrizes étnicas e internamente diversas que formaram o povo brasileiro, a saber: os europeus, ameríndios e africanos, o autor nos propõe um “cruel fazimento”, num processo árduo de deseuropeização, desindianização e desafricanização, pelo qual passaram os povos que aqui aportaram; nascendo assim um povo novo, mestiço; uma civilização inédita como nos observa Adélia Miglievich:

Um país de mestiços, os quais não são iguais a seus ascendentes de uma ou outra etnia. É um “gênero humano novo”, fruto do “atroz processo de fazimento do nosso povo”, dos índios e dos africanos mortos, dos mamelucos, caboclos e mulatos que, sem identidade, plasmaram a identidade do brasileiro (MIGLIEVICH RIBEIRO, 2005, p.16).

Esses miscigenados num primeiro momento compreendiam os chamados *mamelucos*, indivíduos filhos de pais portugueses e mães índias, que não

sendo considerados nem índios nem brancos não possuem indentificação com os demais. Darcy Ribeiro afirma que esse indivíduo “não podendo identificar-se com uns nem com outros ancestrais que o rejeitavam, o mameluco caia numa terra de ninguém.” (Ribeiro, 1995, p.109), essa “ninguendade” segundo autor dará origem o primeiro brasileiro.

Num segundo momento Darcy relata que são os filhos de negros, nascidos na colônia, e assim sendo, já aqui “desafricanizados”, falando português, adeptos do catolicismo sincrético e não tendo qualquer identificação direta com os negros trazidos da África, seriam também um dos primeiros brasileiros, assim como, os mulatos (barancos com negros), cafusos (índios com negros) etc.

O sentido de mestiçagem de Darcy Ribeiro é à base de sua elaboração de “identidade nacional”. Para problematizar essa elaboração; propomos o paralelo como conceito de *habitus* formulado por Norbert Elias, que nos permite chamar atenção à dinamicidade das relações sociais no tempo e no espaço. Destarte, Norbert Elias em *Os Alemães* (1992), procura explicar o processo de formação do Estado e do povo alemão, perpassando por três momentos históricos – os chamados reichts – o I reich: império Alemão (sacro império germânico), II reich: Unificação alemã Bismarck; III reich: Alemanha nazista.

O autor observa, que durante esse processo teria surgido entre os alemães um “*habitus* nacional” autoritário; para demonstrar isso, Elias destaca que durante esses momentos podemos observar que *habitus* alemão se modifica e se transforma ao longo do tempo, mas devido às dinâmicas e aos processos históricos, algumas características se modificaram, enquanto outras se manteriam no seio da sociedade alemã; e que, esse “*habitus* nacional” autoritário que se construiu ao longo da formação da Alemanha; tornou possível, que em meados do século XX o nazismo ascendesse.

Isto posto observamos que Darcy Ribeiro na obra *O povo brasileiro* (1995), se atenta para aspectos importantes para compreendermos a formação do Brasil nas suas dinâmicas sociais ao longo tempo e no espaço, através de sua concepção de “fazimento”, procura observar que através da mistura de etnias surgiu um povo novo, privilegiando assim aspectos étnico-culturais das civilizações que formaram o brasileiro; chamando atenção assim para aspectos como: ecologia, economia e a imigração em suas consequências com o processo de miscigenação e divisão social do trabalho ao longo do tempo e no espaço, sustentando que, a par das diferenças, surgiu no Brasil uma estrutura social inédita, não sem percalços, mas através de vários conflitos.

Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo (Ribeiro 1970), num novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos (RIBEIRO, 1995, p.19).

No cerne deste conflito está um conceito indispensável para entendermos a formação do Brasil: a “raça” e sua consequente miscigenação. No entanto, Darcy Ribeiro procura entender a formação do povo brasileiro mais pela contribuição cultural de cada grupo “racial” e/ou étnico, através da sua proposição de “fazimento”, que se dá a partir de um “desfazimento” das matrizes culturais e ou “raciais”: europeia, ameríndia e africana, num processo de deseuropeização, desindianização e desafricanização, ou seja, de uma “miscigenação cultural”.

Isso se torna evidente quando nos atentamos que essa proposição do autor de “desfazimento” baseada em seu conceito de “fazimento” tem na

cultura seu mote mais caro, pois, só é possível falar em “deseuropeização”, “desafricanização” e/ou “desindianização”; se pensarmos esse processo como “desculturalizações” que deram origem a uma nova cultura, a uma nova etnia, ou seja, um novo povo - o que faz muito sentido - já que a cultura é dinâmica e está sempre em movimento e em transformação, porém as questões etnico-culturais no Brasil estariam intimamente atreladas a ideia de “raça” branca, indígena e africana.

O conceito de *habitus* e a formação do Brasil

Darcy Ribeiro ao derivar na ideia de povo brasileiro tal como, para Elias, foi possível falar em povo alemão, não estático, mas em movimento; o que só foi possível pela noção de *habitus*; podemos observar que Norbert Elias, já nas primeiras páginas do livro *Os Alemães* (1992), rechaça qualquer hipótese de que a constituição do *habitus* de um povo ou nação possa ser determinada racialmente.

(...) torna-se tão logo evidente que o *habitus* nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas, antes, está intimamente vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido. A semelhança das tribos e dos Estados um *habitus* nacional desenvolve-se e muda ao longo do tempo... (ELIAS, 1997, p.16).

O autor deixa claro que questões “raciais” não serviriam para explicar a formação de uma identidade nacional e/ou étnica, por isso, descarta-a ao elaborar o *habitus* nacional, afirma: “(...) mas a até mesmo povos de composição racial semelhante ou idêntica podem ser muito diferentes em seus respectivos *habitus* nacionais ou mentalidades.” (Elias, 1997, p.16). Assim, o autor defende que a formação de um povo, concomitantemente com seu *habitus* nacional, não sendo estático ou essencialista, é

profundamente influenciado pelos acontecimentos históricos ocorridos no seio de determinada sociedade; assim sendo, em algum momento os indivíduos de uma sociedade devem se confrontar com seu próprio passado:

(...) talvez possa ter um efeito catártico se as relações entre passado e presente forem vistas desse modo, e os povos, através do entendimento de seu desenvolvimento social, puderem encontrar uma nova compreensão de si mesmos. (ELIAS, 1997, p.37).

Podemos ver então, que o foco de análise sobre o *habitus*, baseia-se numa história das ideias ou do comportamento; para Elias, durante o período entre os I e II reich o *habitus* alemão sofreu mudanças, que substituindo o idealismo burguês clássico pelo realismo do poder; autor atesta que “a natureza descontínua do desenvolvimento do alemão, uma mudança no *habitus*, que pode ser atribuída com grande precisão a uma fase específica no desenvolvimento do estado” (elias, 1997, p.27).

Partindo da premissa de Elias, a formação do *habitus* de qualquer nação e/ou povo se dá concomitantemente com a formação do Estado-nação, e não tem nenhuma conotação “racial”. A história e a formação do *habitus* não devem ser vistas de forma estática e essencialista, pois está em constante mutação, à constituição do *habitus* está intrinsecamente ligado à própria história da sociedade, mas que geralmente não nos damos conta disso:

(...) muitas pessoas parecem ter a opinião tácita de que o que aconteceu no século XII ou XV ou XVII é passado – o que isso tem haver comigo? – na realidade, porém, os problemas contemporâneos de um grupo são crucialmente influenciados por seus êxitos ou fracassos anteriores, pelas origens ignotas de seu desenvolvimento (Elias, 1997, p.30).

Nesse sentido, ao observamos a história da formação do Brasil como Estado-nação, a partir de Darcy Ribeiro, veremos que, de forma semelhante ao que propõe Elias, o autor expõe de forma implícita, que o surgimento do povo brasileiro – destacando sua formação “étnico-racial” – não está dissociado da formação do Estado-nação; afirmando que mesmo com todos os conflitos o povo brasileiro viria a constituir o Estado nação unificado:

Essa unidade resultou de um processo continuado e violento de unificação política, logrado mediante um esforço deliberado de supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista. Inclusive de movimentos sociais que aspiravam fundamentalmente edificar uma sociedade mais aberta e solidária. A luta pela unificação potencializa e reforça, nessas condições, a repressão social e classista, castigando como separatistas movimentos que eram meramente republicanos ou antioligárquicos. Subjacente à uniformidade cultural (RIBEIRO, 1995, p.23).

Fica claro que o processo de formação “estatal” do Brasil se deu simultaneamente a sua formação social e “étnico-racial”. Darcy Ribeiro relata ainda que durante a colonização surgiu “um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial” (Ribeiro, 1995, p.19). Estruturação essa, que viabilizou, segundo autor, um proletariado externo, ou seja, uma importação de mão de obra que não existia para si mesmo; mas para gerar lucros exportáveis para a metrópole; gerando uma sociedade formada, como uma variante lusitana de tradição civilizatória europeia ocidental, mas, com contribuições indígenas e africanas que fez surgir um país novo e mutante, que viria a constituir o Estado - nação Brasil.

O autor não ignora que a formação do povo brasileiro se constituiu juntamente com o que viria a ser o Estado - nação; contudo sua discussão primordial é a miscigenação, isso porque, não é possível falar da formação do Brasil sem perpassar pelas questões "étnico-raciais", que deram origem a essa nova nação, o que não ocorreu sem que houvesse muitos conflitos.

O conceito "raça" e as desigualdades "étnico-raciais"

Não é possível falar da formação do Brasil e do povo brasileiro, sem mencionar as discussões sobre desigualdades "étnico-raciais"; deste modo, a primeira noção que vem à cabeça é a "raça". Para podermos ter uma visão mais ampla desse conceito, traremos para discussão o pan-africanismo de Kwame A. Appiah em sua obra *Na casa de meu pai* (1997), na qual o autor trata da teoria racialista no contexto africano.

Appiah nessa obra faz sua crítica às questões "raciais", formuladas pelos europeus e resignificada pelos colonizados e "explorados", no contexto africano, que segundo o autor "só poderiam enfrentar o racismo mediante a aceitação das categorias raciais" (Appiah, 1997, p.24), o que constituiria segundo o Appiah, uma internalização do discurso colonial que criou tal sistema classificatório.

Nesse sentido; atentaremos especificamente sua discussão com os autores pan-africanos Alexander Crummell e W.E. Du Bois, partindo do princípio de que as questões étnico-raciais são caras a autores que se dedicaram a "desvendar" a formação do povo brasileiro como Darcy.

Appiah trata da teoria racialista, da qual se baseia boa parte a ideia de "raça" que temos no ocidente; que impregnou a perspectiva pan-africana dos autores Crummell e Du Bois, no início do século XX, que deram início ao discurso pan-africanista. Appiah examinando a obra desses autores afirma:

(...) sustenta que a ideia do negro, a ideia de uma raça africana, é um elemento inevitável desse discurso, e que essas noções racialistas fundamentam-se em ideias biológicas precárias – e ideias éticas ainda piores – herdadas do pensamento cada vez mais racializado da Europa e EUA do século XX (APPIAH, 1997, p.14).

Para autor, quando se observa a perspectiva pan-africana de Crummell, verificamos que o conceito norteador para explicar a existência de uma solidariedade entre os negros africanos, é a “raça”; que se basearia num pensamento profundamente racializado do início do século XX; Crummell não se preocuparia com problemas referentes a um país específico, mas com o continente africano como um todo; tendo como princípio a África como à pátria da “raça negra”.

Para o Appiah, esse princípio racialista da África como a pátria da “raça negra”; provinha da comparação que Crummell fazia da situação dos negros que foram escravizados no novo mundo, mas especificamente nos EUA, além da América portuguesa e caribe - que tendo sido retirados de forma compulsória de seus lugares de origem no continente africano – foram colocados em uma condição de inferioridade diante dos colonizadores europeus. Segundo Appiah, se torna impossível ler a obra de Crummell e não “ficar com uma poderosa sensação de como deve ser, pertencer a uma subcultura estigmatizada, viver num mundo em que tudo, desde seu corpo até a sua língua, é definido pela “corrente dominante” como inferior” (Appiah, 1997, p.25).

Num segundo momento, Appiah passa a analisar a o discurso de Du Bois; que concebe a raça não como um conceito biológico, mas sim sócio histórico, ou seja, a história não seria feita por indivíduos, grupos ou nações e sim pelas raças, que seriam:

(...) uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e língua comuns sempre com uma história, tradições e impulsos comuns, que lutam juntos, voluntaria e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos (Appiah, 1997, p.54).

Desta maneira, Du Bois afasta-se da concepção biológica e antropológica da "raça" rumo a uma noção sociohistórica, cujo nenhuma definição biológica ou antropológica seria possível.

A tese de Du Bois é que aja uma aceitação das diferenças raciais, não no sentido biológico, mas que as raças estão relacionadas, não como superior ou inferior, mas como complementares, que fazem parte e formam a humanidade, numa ideia de um "racismo antirracista" (Appiah, 1997). Assim, Du Bois conseguiu manter o discurso pan-africano e ao mesmo tempo rejeitou oficialmente o discurso racial como "sendo qualquer outra coisa senão um sinônimo de cor" (Appiah, 1997, p.68).

Para Appiah toda a análise feita por Crummell e Du Bois partiu de uma concepção racialista, em voga no início do século XX, onde a ideia de uma "raça" africana atuaria como uma espécie de metáfora da cultura que se faria ao preço de biologizar aquilo que é cultura: A ideologia (Appiah, 1997). Sendo assim, o conceito de "raça", não teria um papel importante para identificação étnica dos povos, tendo a cultura um papel mais relevante.

Assim, ao analisarmos a categoria "raça" na obra *O povo brasileiro* (1995), observamos que Darcy Ribeiro vê a formação do Brasil pelo aspecto de desfazimento de "identidades" étnico-culturais dos indivíduos que se miscigenam, formando um novo grupo, uma nova etnia, nova cultura, de um novo povo miscigenado, dando maior relevância às contribuições étnico-culturais.

Para Darcy Ribeiro foi através da miscigenação de nossas três matrizes étnico-culturais, – africano, ameríndio e europeu – que contribuíram cada um ao seu modo para o desenvolvimento da sociedade e da economia brasileira.

Para essa análise, o autor utiliza o materialismo histórico e dialético, e deste modo, vê a formação do Brasil pelo aspecto do desfazimento das “identidades/sociedades/linhagens” dos indivíduos que se miscigenam, e através de relações de adaptação, dominação e subordinação estruturam uma nova sociedade uma nova nação – a nação brasileira, e para entendermos essa perspectiva, de formação do povo brasileiro a partir de Darcy Ribeiro é necessário como observa Miglievich Ribeiro:

"Estudar" o "povo brasileiro", atentando para como esta designação é construída e reconstruída historicamente e, também, na tradição oral, na literatura, nos discursos políticos, na mídia ou nas ciências sociais não é abdicar do exame dos contextos mais abrangentes onde a nação emerge ou dos conflitos entre pessoas e grupos que não podem ser classificados em "etnias nacionais" (MIGLIEVICH RIBEIRO, 2005, p.20).

Assim, para se compreendermos a formação do Brasil e necessário observarmos vários aspectos sociais, históricos e culturais que juntos nos dão um relato da formação do povo brasileiro.

Considerações finais

Após realizarmos paralelos entre os conceitos de *habitus* de Norbert Elias e de “fazimento” baseado na miscigenação de Darcy Ribeiro; além das discussões de desigualdades “étnico-raciais” a partir de Appiah, questões que atravessam a obra *O povo brasileiro* (1995); verificamos que as

questões “raciais” não seriam importantes para a identificação de uma “identidade étnica” como propõe Appiah; ou mesmo para a identificação de um *habitus* nacional como sugere Elias.

Darcy Ribeiro nos relata conflitos gerados culturalmente pelo “fazimento” do povo brasileiro processado através de um “desfazimento”, e nesse ponto, consegue se aproximar de Elias, pois, faz uma análise histórico-política, contextualizando os conflitos étnicos raciais entre os grupos negros, indígenas, brancos e miscigenados, simultaneamente a formação do Estado brasileiro.

Enfim, a constituição do povo brasileiro se deu como podemos observar através de um processo “fazimento” e miscigenação baseado num “desfazimento” das identidades dos povos que participaram da nossa constituição como povo e porque não dizer como nação.

Bibliografia

APPIAH, K. A. (1997). *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: contraponto.

ELIAS, Norbert (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MIGLIEVICH RIBEIRO, Adélia M. (2005). “O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro: crítica ou reforço à noção de caráter nacional brasileiro?” In: PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e ciências sociais*. Maceió: EDUFAL. pp.09-25

RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.